



Memórias da comunidade: da construção cultural ao desenvolvimento territorial

Memories of the community: from cultural construction to territorial development

Ludmilla Maria Lima Santos⁽¹⁾; Maria Jaciara da Silva⁽²⁾;
Conceição Maria Dias de Lima⁽³⁾

⁽¹⁾Assistente Social CRESS 5038/AL. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura - ProDiC. E-mail: santos.ludmilla@outlook.com;

⁽²⁾Graduada em Zootecnia da UNEAL; jacysds92@gmail.com;

⁽³⁾Doutora em Sociologia pela UFPE. Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas. Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura – ProDiC/UNEAL; ceicadias@yahoo.com.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 23 de novembro de 2018; Aceito em: 07 de dezembro de 2018; publicado em 15 de 12 de 2018. Copyright© Autor, 2018.

RESUMO: O presente trabalho consiste em um estudo sobre a Comunidade Quilombola Pau d'Arco, onde os principais aspectos apontados dizem respeito à construção da identidade cultural e da memória dos moradores como elemento contributivo para a identidade. O principal objetivo da pesquisa consiste em compreender qual o papel da memória na construção da história da Comunidade Pau d'Arco enquanto Comunidade Remanescente de Quilombo. Como metodologia, além da pesquisa bibliográfica e documental o estudo substancia-se em pesquisa de campo realizada na comunidade desenvolvida por meio de instrumentos variados. Todos os passos da pesquisa seguem criteriosamente as orientações estabelecidas pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde quanto à realização de pesquisas com seres humanos, assim como todos os procedimentos pré-estabelecidos pela Plataforma Brasil para submissão de tais pesquisas. O estudo, que ainda esta em andamento, delineou outros tantos caminhos, e tem sido financiado integralmente pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), fazendo parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida dentro do Programa de pós Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (PRODIC) da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). A importância deste trabalho concentra-se no fato de buscar elucidar a história das comunidades quilombolas e repercutir sua relevância sócio-cultural para toda a sociedade brasileira em diferentes contextos. Ainda em seu desenvolvimento foi possível apontar a memória dos moradores como elemento *sinequa non* para a constituição atual da comunidade enquanto Comunidade Remanescente de Quilombo.

PALAVRAS-CHAVE: memórias, quilombolas, cultura.

ABSTRACT: The present work consists of a study about the Quilombola Community Pau d'Arco, where the main aspects mentioned concern the construction of the identity culture and the memory of the inhabitants as a contributing element to the identity. The main objective of the research is to understand the role of memory in the construction of the history of the Pau d'Arco Community as a Quilombo Remnant Community. As a methodology, in addition to bibliographical and documentary research, the study is substantiated in field research carried out in the community developed through various instruments. All steps of the research closely follow the guidelines established by Resolution No. 466/2012 of the National Health Council regarding the conduct of research with human beings, as well as all procedures established by the Brazilian Platform for submission of such research. The study, which is still under way, outlined many other paths, and has been fully funded by the State of Alagoas Research Support Foundation (FAPEAL), as part of a broader research developed within the Postgraduate Program in Territorial Dynamics and Culture (PRODIC) of the State University of Alagoas (UNEAL). The importance of this work is focused on elucidating the history of the quilombola communities and reflecting their socio-cultural relevance for the whole Brazilian society in different contexts. Still in its development it was possible to point out the memory of the residents as non *sinequa* element for the current constitution of the community as a Quilombo Remnant Community.

KEYWORDS: memories. quilombolas. culture.

INTRODUÇÃO

O texto aqui elucidado apresenta um estudo sobre a Comunidade Quilombola Pau d'Arco, uma pequena vila rural situada no Agreste do Estado de Alagoas – Brasil, e a forma como sua história têm sido construída e contada, a partir das falas e memórias de seus moradores ao longo de suas diferentes gerações. Nos primeiros contatos com a comunidade foi perceptível o quanto as memórias estão presentes na oralidade de seus moradores, independentemente da idade.

Nas conversas informais, quando o tema é a comunidade, surgem relatos das lutas para a conquista do próprio espaço enquanto território em uma relação de constante associação entre a comunidade de antes e a comunidade de agora. Espaço de moradia e trabalho; construção das organizações familiares, religiosas e culturais. Toda produção de sentido é um discurso, e este é sempre controlado.

Não há uma forma livre em sua produção, há intencionalidade, influências e consequências para todo ele, mesmo quando aparenta informalidade, carrega consigo todos os elementos de forma implícita há, portanto, determinações históricas na forma como as memórias são construídas em coletividade e como são transmitidas a partir dos discursos de seus produtores.

Neste cenário, o principal objetivo desta pesquisa consiste em compreender qual o papel da memória na construção da história da Comunidade Pau d'Arco enquanto Comunidade Remanescente de Quilombo. Para tanto se faz necessário compreender a construção da identidade cultural comunitária e identificar a existência/inexistência de influências no discurso da comunidade e as consequências advindas das intervenções estatais em seu território.

Como metodologia, além da pesquisa bibliográfica e documental o estudo substancia-se em pesquisa de campo realizada na comunidade e desenvolvida por meio de instrumentos variados, inicialmente conversas informais registros fotográficos em um estudo exploratório e em seguida com a realização de entrevistas e visitas institucionais, todos os passos registrados em diário de campo como meio fundamental para reunião dos dados coletados e das experiências vivenciadas.

Vale salientar que todos os passos da pesquisa seguem criteriosamente as orientações estabelecidas pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde quanto à realização de pesquisas com seres humanos, assim como todos os

procedimentos pré-estabelecidos pela Plataforma Brasil para submissão de tais pesquisas.

O estudo, ainda em andamento, pois, delineou outros tantos caminhos, tem sido financiado integralmente pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), fazendo parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida dentro do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (PRODIC) da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL).

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

Parte-se aqui da perspectiva da identidade como algo construído gradativamente ao longo das experiências e vivências do indivíduo no meio no qual está inserido recebendo deste, influências das mais diversas, em um processo de construção recíproca. Para Stuart Hall (2005) a discussão da identidade na pós-modernidade é bastante fecunda e permeia a ideia da efemeridade nas relações sociais provocada pelo avassalador processo de globalização que, dentro da lógica capitalista faz com que tudo, seja o tempo todo, relativizado.

Conceitos são construídos e desconstruídos o que levanta a discussão de uma “crise de identidade”, a partir da qual as sociedades modernas têm, desde o final do século XX, sofrido um tipo diferente de mudança estrutural (HALL, 2005). Nessas transformações são mutáveis não apenas as identidades coletivas, mas cada identidade individual inscrita nestas sociedades. O próprio conceito de identidade passou a ser relativizado e sofreu diversas mudanças ao longo do desenvolvimento da humanidade.

“A identidade costura o sujeito à estrutura” (HALL, 2005). Esta é como a que torna os sujeitos e o meio produzível e unificados, no entanto, Hall (2005), aponta a mesma como objeto da desconstrução pela fragmentação vivida. Cada indivíduo possui diferentes identidades, cada uma de acordo com cada papel desempenhado pelo mesmo, e cada uma das identidades é construída recebendo influências do meio e dos demais sujeitos com os quais se relacionam neste meio e assim também há uma troca mútua, não apenas entre sujeitos e meio, mas entre os próprios sujeitos.

“A identidade torna-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p.13). Diante destas

transformações as comunidades remanescentes de quilombos têm sua identidade construída a partir de manifestações que nem sempre foram tidas como tradicionais desta população.

Cada cultura e cada época exploram apenas algumas das muitas possibilidades. As mudanças podem ocasionar muita inquietação e acarretar grandes perdas porque mudar é intrinsecamente difícil, não porque nossa época e nosso país tenham descoberto a única motivação com a qual a vida humana pode se desenvolver. É bom lembrar que, apesar de todas as suas dificuldades, a mudança é inevitável (BENEDICT, 2013, p.35).

A construção de novas identidades resulta também de novas práticas culturais. Para o Estado a população negra continuou invisibilizada durante um longo período, vindo adquirir conquistas legais que buscavam compensar a condição de desigualdade a qual foram obrigados, apenas no início do século XXI, após intensas lutas de diferentes movimentos sociais e, sobretudo, do movimento negro, contrários à ideia de “embranquecimento” da população brasileira (RIBEIRO, 2014).

Propagando a falácia de ressurgimento das comunidades quilombolas, pois, sempre estiveram ali, o Estado passa a intervir e determinar aspectos que devem estar presentes para que a denominação “quilombola” possa fazer jus ao contexto comunitário. Conviver com tais imposições fazendo com que as memórias culturais e tradições sejam consideradas a partir do formato atual, mas, real, é também uma forma de resistência e de demonstração cultural.

A verdade é que as instituições e motivações humanas são inúmeras, em todos os planos de simplicidade ou complexidade cultural, e que a atitude sensata consiste em uma muito maior tolerância para com as diferenças. Ninguém pode participar integralmente de cultura alguma se não tiver sido criado e não tiver vivido conforme as práticas dessa cultura, mas, pode admitir que outras culturas tenham para seus participantes a mesma significação que ele atribui à sua (BENEDICT, 2013, p.36).

Esses aspectos retornam à discussão inicial a partir de Hall sobre “o jogo das identidades” onde consequências podem ser levantadas. Como não há apenas uma identidade, ou seja, o indivíduo negro da comunidade quilombola terá não apenas a identidade negra, mas, diante de outros contextos assumirá identidades diferentes e que em determinadas situações podem chegar a ser conflitantes.

“Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas, pode ser ganha ou perdida” (HALL, 2005, p. 21). Parece-nos pertinente o esclarecimento de que este

aspecto acerca da identidade é de fundamental importância para a desconstrução de estereótipos. Destarte, a participação em determinado grupo parte das identidades que se aproximam por afinidade em quanto formadoras do grupo, podem se diferenciar em relação a outros grupos em contextos diferentes.

O que precisamos, ao que parece, não é de ideias grandiosas nem do abandono completo das ideias sintetizadas. Precisamos é de modos de pensar que sejam receptivos às particularidades, às individualidades, às estranhezas, descontinuidades, contrastes e singularidades [...] (GEERTZ, 2001).

Quando a cultura emerge de grupos sociais desprivilegiados e em situação hierárquica de poder desfavorável, esta é tida como inferior, sem valor. Assim no início dos estudos sobre as práticas culturais, culturas advindas de um grupo social como os negros, com uma trajetória histórica de inferiorização, não seriam consideradas como cultura.

No entanto, através dos estudos semióticos de cultura de Geertz (2008) o mesmo afirmou que sim, os grupos ditos inferiores ou menos civilizados, possuíam cultura. Culturas diferentes originam ações e interpretações diferentes dando origem a conflitos entre esses diferentes grupos (GEERTZ, 2008).

É nessa relação de heterogeneidade entre os grupos que se intensifica a produção de identidades (HALL, 2005). Para Bhabha (1998) a cultura é exemplo de diversidades, mas, seus conceitos-chaves giram em torno do “local da cultura” e o “entre lugar”.

O “local da cultura” seria o lugar de encontro de uma diversidade de fragmentos étnicos, lingüísticos e culturais. O interior de uma Comunidade Remanescente de Quilombo reúne aspectos que fazem da cultura negra a predominante no modo de vida. Por vezes diferentes culturas se enfrentam, disseminando valores, se impondo e resistindo.

Ao local deste embate, onde ocorre o choque entre as culturas, mas, sem hegemonia de uma cultura sobre outra, é definido como “entre lugar” (BHABHA, 1998). A Própria comunidade pode ser tida como o entre lugar, a partir do momento em que está aberta a outras culturas, sua população não se constitui integralmente negra e remanescente, outros moradores passam a integrar o território e suas culturas são também repercutidas e absorvidas pelas culturas já estabelecidas.

Bhabha (1998) desconstrói a ideia de dominantes e dominados quando trata do entre lugar onde ocorre a ausência de hegemonia, ou seja, onde ambas as culturas convivessem de modo interativo e sem predominância. Como então se colocariam as

manifestações culturais quilombolas, advindas de um grupo historicamente excluído e discriminado, diante da cultura dominante que é também aquela reproduzida pelo Estado? Seria as manifestações culturais destas comunidades uma forma real de resistência?

Neste caso, havendo predominância de determinada cultura em função do grupo a qual representa, não haveria o “entre lugar”, pois o predomínio de determinados valores transformaria a relação entre as culturas, conflituosa e desigual. Para Hall (2003), “a cultura popular, especialmente é organizada em torno da contradição: as forças populares versus o bloco do poder”. Assim como não existe uma cultura popular integrada, autêntica e autônoma, situada fora do campo de forças das relações de poder e de dominação culturais (HALL, 2003).

As práticas culturais de grupos negros não serão constituídas somente de suas identidades, livres de quaisquer influências, mas sim, estarão imersas nesta sociedade e susceptíveis às mais diversas influências das demais identidades e manifestações culturais.

Atualmente compreendemos a luta e a resistência bem melhor do que a reforma e a transformação. Contudo, as “transformações” situam-se no centro do estudo da cultura popular. Quero dizer com isso, o trabalho ativo sobre as tradições e atividades existentes, e sua configuração, para que estas possam sair diferentes. Elas parecem “persistir”; contudo, de um período a outro, acabam mantendo diferentes relações com as formas de vida dos trabalhadores e com as definições que estes conferem as relações estabelecidas uns com os outros, com seus “Outros” e com suas próprias condições de vida. A transformação é a chave de um longo processo de moralização das classes trabalhadoras, de desmoralização dos pobres e de reeducação do povo. A cultura popular não é, num sentido “puro”, nem as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas (HALL, 2003, p.248-249).

Dito isso, compreende-se a amplitude do contexto das comunidades quilombolas no embate cultural entre tradição popular, cultura dominante e poder estatal. Para melhor conexão entre a Cultura Popular e a realidade quilombola das Comunidades Remanescentes de Quilombos trazemos à baila a Comunidade Remanescente de Quilombo Pau d’Arco.

A COMUNIDADE: MEMÓRIA E IDENTIDADE

Pau d'Arco é um povoado localizado na zona rural do município agrestino de Arapiraca - AL. Está à aproximadamente 20 minutos do centro da referida cidade. Embora a comunidade tenha como principal atividade econômica a agricultura, está bem próxima ao perímetro urbano e por parte da prefeitura já fora manifestado o interesse em transformar, legalmente, Pau d'Arco em um bairro do município, realizando a “urbanização” da comunidade, também conhecida como Vila.

“Sabemos do interesse da prefeitura em tornar Pau d'Arco em um bairro de Arapiraca: teremos que pagar IPTU e vivenciar muitos outros problemas encontrados na cidade” (MULHER QUILOMBOLA NASCIDA NA COMUNIDADE).

Embora esbanje traços camponeses, já há pontuais intervenções que remetem ao espaço urbano, como pequenos comércios de artigos variados, espalhados por todas as estreitas ruas de Pau D' Arco, pontos de ônibus, lanchonetes, e pouco a pouco os paralelepípedos das vielas laterais encontram-se ao asfalto da via principal que liga a comunidade à AL 220.

Na localidade vivem aproximadamente 500 famílias. Além da agricultura familiar, o emprego público e o trabalho no comércio de Arapiraca – AL são bastante comuns, além de ser grande também o número de homens que migram com destino ao corte da cana em outras cidades e mesmo outros estados, em busca de melhores condições de vida quando a safra, proveniente do trabalho agrícola, não rende o suficiente.

A comunidade possui um conjunto de aparelhos sociais que ainda não são suficientes, mas, atende aos moradores em alguns serviços básicos. São eles: uma Unidade Básica de Saúde (UBS), com capacidade para duas equipes de saúde¹ da família, mas que funciona apenas com uma. A história da denominação da UBS que leva o nome da mais importante parteira da comunidade é exemplo da contribuição da memória e oralidade dos moradores de Pau d'Arco.

A Unidade que hoje estampa placa de homenagem com o nome de Dona Amância, para os mais jovens, os recém-chegados ou de passagem, remete a uma explícita homenagem, mas, não contém o mesmo significado que para aqueles que participaram da luta para que a Unidade levasse o nome da primeira e mais importante parteira da

¹ A equipe de saúde da família também chamada de Estratégia Saúde da Família (ESF) é composta por equipe multiprofissional que possui, no mínimo, médico generalista ou especialista em saúde da família ou médico de família e comunidade, enfermeiro generalista ou especialista em saúde da família, auxiliar ou técnico de enfermagem e agentes comunitários de saúde (ACS). Pode-se acrescentar a esta composição, como parte da equipe multiprofissional, os profissionais de saúde bucal (ou equipe de Saúde Bucal-eSB): cirurgião-dentista generalista ou especialista em saúde da família, auxiliar e/ou técnico em Saúde Bucal. Disponível em <http://dab.saude.gov.br/portaldab/smp_como_funciona.php?conteudo=esf>. Acesso em: Set/2017.

comunidade a qual conduziu a chegada à vida de boa parte dos moradores paudarquianos, auxiliando independente do dia ou da hora, todas as mulheres que entrassem em trabalho de parto, com primoroso êxito, pois, os relatos das moradoras sempre advertem que dos muitos partos pouquíssimas foram àquelas crianças que não sobreviveram fortes e saudáveis.

“Se você vê, esse povo aqui de Pau d’Arco, os mais novos não, já nasceram no hospital, mas, nós adultos, maioria foi pelas mãos de Dona Amância” (MULHER QUILOMBOLA NASCIDA NA COMUNIDADE).

À Dona Amância a comunidade não destinou quantias vultosas, mas, acumulou uma dívida valiosa a ser paga com a propagação da saúde entre os seus. A comunidade continua de modo mais que simbólico, destinando os cuidados de saúde à Dona Amância.

Conta-nos moradores, que dias antes da inauguração da UBS a comunidade representada pela Associação lançou a proposta da denominação homenageando a ilustre parteira, no entanto, concomitantemente havia indicação de uma figura de influência política. A comunidade então resolveu aclamar publicamente para que familiares de Dona Amância comparecessem à inauguração para a homenagem e que fosse seu, o nome cravado na placa de inauguração. O clamor pelo nome de indicação da comunidade ganhava cada vez mais força sendo ouvidas diretamente pela gestão municipal as contribuições de Dona Amância para Pau d’Arco. Tal conquista é lembrada como uma das mais importantes na História da comunidade.

Pau d’Arco possui também uma creche surgida na comunidade a partir da intervenção da associação de moradores junto à prefeitura municipal, ainda na década de 1980; uma escola de ensino fundamental; uma sede da associação de quilombolas, onde também está sendo montado o “Ponto de Cultura”.

A comunidade, desde os primeiros contatos, revelou-se acolhedora e de um ambiente agradável, um ritmo de vida rural, com pequenas plantações aos fundos de cada residência, onde predominam as hortaliças e leguminosas, mas, também coexistem as raízes como a mandioca e a macaxeira, muito utilizadas na alimentação humana e animal por meio também da produção de bolos e farinha. Para esta última, há o que podemos chamar de ritual culturalmente propagado pelas gerações da comunidade, onde nas chamadas “Casas de Farinha”, famílias inteiras se reúnem para o preparo da raiz e produção da “Farinha de Mandioca”, alimento típico do nordeste bastante presente na mesa dos paudarquianos.

As “farinhadas” representam muito mais que o processo de produção de um alimento, mas, uma manifestação cultural, uma tradição passada de pais para filhos, de avós para netos repercutindo saberes que não se encontram registrados de forma literal, porém, são lidos nos hábitos, nos costumes da comunidade.

Os moradores sentados às portas no final das tardes fazem da oralidade outro instrumento de manutenção do saber cultural. A memória e oralidade são marcantes na comunidade e merecem destaque nesta narrativa sobre a Comunidade.

Nas conversas informais, quando o tema é a História de Pau d’Arco, surgem relatos das lutas para a conquista do próprio espaço enquanto território em uma relação de constante associação entre a comunidade de antes e a comunidade de agora. Espaço de moradia e trabalho; construção das organizações familiares, religiosas e culturais.

Cada característica atual do território Paudarquiano mediante as memórias narradas por moradores antigos que presenciaram e participaram desta construção, ou de jovens integrantes desta comunidade que trazem consigo relatos de seus familiares mais anciãos, no que se revela em uma memória construída coletivamente.

[...] E a representação – fosse ela justa ou saber - se dava como repetição: teatro da vida ou espelho do mundo, tal era o título de toda linguagem, sua maneira de anunciar-se e de formular seu direito de falar (FOUCAULT, 1999, p.23).

Toda produção de sentido é um discurso, e este é sempre controlado. Não há uma forma livre na produção do discurso, há intencionalidade, influências e consequências para todo ele, mesmo quando aparenta informalidade, trás todos seus elementos de forma implícita. As falas de cada morador carregam consigo significados próprios de quem nasceram e viveram naquela comunidade partilhando dos mesmos costumes, dos mesmos valores, normas e memórias.

Ele [Discurso] é justamente o conjunto de enunciados, sob uma dada formação discursiva, praticados ao longo do tempo. A formação discursiva é a regularidade existente na dispersão do conjunto de enunciados estudados (caso não encontre um sistema, uma regularidade na dispersão dos enunciados, então não há um discurso) (FOUCAULT, 1999, p.23).

Partindo assim destas concepções, busca-se situar o discurso dos moradores da comunidade quilombola Pau d’Arco diante do discurso Político (e sem dúvida, suas intencionalidades) do governo a partir da formulação e implementação das Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Busca-se construir um breve estudo a fim de

compreender de onde partem suas falas; qual o contexto e vivências perceptíveis a partir dos discursos construídos e repercutidos.

De forma, muitas vezes inconsciente, os sujeitos são interpelados por seu discurso, mesmo que se considerem autores genuínos de suas falas, estas partem de suas vivências e do acúmulo de experiências provindas das diversas relações estabelecidas em seus cotidianos.

De acordo com Foucault (1999), o discurso não pode ser interpretado apenas do ponto de vista linguístico, outros inúmeros aspectos podem ser observados dentro do mesmo, entre os quais as próprias relações de força e luta. Todo discurso parte de algum lugar e pretende alcançar alguém. Destarte, o discurso proveniente de um morador de Pau d'Arco, pode se tratar de um discurso individual dentro de sua comunidade ou, em grande maioria das vezes, reiterar um discurso coletivo.

A recordação e a localização das lembranças não podem ser analisadas e compreendidas sem levar em consideração os contextos sociais que atuam como base para a construção da memória. A partir dos estudos de Halbwachs (1990) onde apresenta a categoria de memória coletiva, a memória deixa de alcançar apenas a dimensão individual para ser trabalhada coletivamente uma vez que, nenhuma lembrança pode existir isoladamente fora do contexto de existência do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras ganham sentido a partir das relações que são, através delas, estabelecidas. De acordo com o grupo ao qual o indivíduo pertence, sua classe social ou período histórico, diferentes serão os significados atribuídos à sua fala. A memória discursiva, portanto, transforma-se em uma fecunda ferramenta para que o objeto de estudo seja conhecido e melhor compreendido.

Não se busca uma definição pronta para cultura ou mesmo uma rotulagem de como vivem e recebem as Políticas Públicas os moradores de Pau d'Arco, mas, a observação e interação com seu cotidiano nós revela muito além de uma única resposta, mas, um conjunto de possíveis interpretações sobre seu modo de vida comunitário.

A valorização dos moradores a partir do desenvolvimento de suas potencialidades, da quebra de estereótipos e da construção de uma identidade com a

cultura negra alçada no enfrentamento ao preconceito racial contribui para o fortalecimento dos sujeitos e de todo o Território de Pau d'Arco.

Embora ainda em desenvolvimento a pesquisa por tratar-se de tema abrangente e que revela a necessidade de outros estudos, é possível apontar a memória dos moradores como elemento *sinequa non* para a constituição atual da comunidade uma vez que a própria certificação² emitida via instituições nacionais, sendo elas Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e Fundação Cultura Palmares (FCP) tem como ponto de partida a intencionalidade da comunidade, enquanto coletividade, em reconhecer-se enquanto remanescente de quilombo, devendo para tanto narrar sua história a partir de seus ancestrais e do desenvolvimento do território desde então.

Portanto, não apenas a memória, mas sua construção coletivamente e sua transmissão representam os fundamentos para o reconhecimento da comunidade enquanto Comunidade Remanescente de Quilombo e para a manutenção e preservação da cultura local e desenvolvimento territorial. A importância deste trabalho concentra-se no fato de buscar elucidar a história das comunidades quilombolas e repercutir sua relevância sócio-cultural para toda a sociedade brasileira em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

1. BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Petrópolis: Vozes, 2013.
2. BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMA, 1998.
3. FOUCAULT, Michael. **As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
4. FOUCAULT, Michael. **A Arqueologia do Saber**. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
5. GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
6. _____. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
7. HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. [Tradução de Laurent Léon Schaffter]. São Paulo: Vértice, 1990.
8. HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
9. _____. **Notas sobre a Desconstrução do "Popular"**. In.: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. LoviSovik (org); trad. Adelaine La Guardia

² O processo de Certificação de uma Comunidade como Comunidade Remanescente de Quilombo antecede a apresentação de um conjunto de documentos entre os quais Relatório atestando a história de formação da comunidade que partir de um relato dos moradores. Para maiores informações ver: FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/>>.

- Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
10. RIBEIRO, Matilde. **Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Brasil (1986-2010)**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
 11. SOUZA, Lizete Quelha de. **Pensamento de Foucault e memória social: entre diferentes modos de subjetivação e possíveis resistências**. Tese (Doutorado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.